

Garbo e limpeza em duque de Caxias

*Emílio Maciel Eigenheer**

Introdução

As Forças Armadas têm tradicionalmente uma grande preocupação com a limpeza de seus espaços e do asseio individual de seus membros, tanto por questões de higiene militar, como pelo aspecto do garbo militar.

Até a I Guerra Mundial, perdiam-se mais soldados em decorrência de doenças, notadamente as contagiosas, do que por ferimentos em combate.

A França pôde ganhar a guerra graças ao maravilhoso progresso de sua higiene aplicada à saúde de seu exército e de populações civis. As doenças contagiosas foram quase todas derrotadas durante a guerra. Em 1870, o número de nossos mortos por enfermidades ultrapassava em muito o dos mortos por lesões; foi exatamente o contrário em 1914-1918. (COURMONT; LESIEUR e ROCHAIX, 1925)¹

As preocupações com a higiene tornaram as organizações militares (OM) espaços exemplares de ordem e limpeza, contribuindo para a educação dos soldados e a formação de hábitos salutares na sociedade.

Cabe ressaltar as contribuições também das Forças Armadas na importante questão da destinação final dos resíduos sólidos, com a implantação nos EUA dos primeiros aterros sanitários (EIGENHEER, 2018).

No Brasil, de longa data, as OM são também reconhecidas como locais de formação do cidadão (PEIXOTO e COUTO, 1914), podendo contribuir decisivamente para a disseminação das propostas da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), estabelecida pela lei 12.305, de 02/08/2010.

A tradição de se relacionar a limpeza e o asseio à higiene militar, assim como ao garbo e à disciplina da tropa, pode ser vista de forma exemplar no patrono do Exército Brasileiro, o duque de Caxias (1803-1880).

Tomá-lo como exemplo é significativo, já que:

Há hoje uma completa integração da personalidade de Caxias, da sua forma de atuação civil e militar, dos seus princípios de Soldado, com o sentido espiritual e profissional do moderno Exército Brasileiro — Exército do qual se poderia dizer que amadureceu junto com Caxias, com ele atingiu as maiores glórias, e depois, sob a auréola da sua memória, consolidou-se como instituição basilar da nacionalidade. (A DEFEZA NACIONAL, 1966)

* Professor associado da UERJ, doutor em Educação (UFF/99), pesquisador nas áreas de Resíduos Sólidos e de História da Limpeza Urbana e pesquisador associado do CEPHiMEx. Fez estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares (ECEME/16).



CLOSE GARBAGE CANS.



KEEP BARRACKS CLEAN.

Figuras 1 e 2 – Army Life

Fonte: o autor

Asseio e limpeza em Caxias

Um momento importante da carreira militar do duque de Caxias se deu quando foi ele indicado para o Corpo de Guardas Municipais Permanentes. Já nessa época era possível notar seu apreço pelo asseio e a limpeza.

Bernardo Pereira de Vasconcellos também estava por trás da nomeação de Luiz Alves. Sempre atento a jovens talentos, ele vinha observando e incentivando a carreira do oficial desde setembro de 1837. Em seu primeiro relatório como ministro da Justiça, no ano de 1838, elogiou, publicamente, o desempenho da Guarda de Municipais Permanentes em missão na província de Santa Catarina e afirmou, diante de toda a Câmara, que o bom resultado alcançado pelo corpo se devia a seu incansável chefe, o Sr. Luiz Alves de Lima. Logo no início desse ano, em fevereiro, por meio de correspondências oficiais, já tecia vários elogios ao oficial comandante. Parabenizava-o sobretudo pelo asseio e disciplina com

que os permanentes se apresentavam para os exercícios de fogo e manobra no Campo da Honra, um deles assistido pelo regente e por Sua Majestade. (SOUZA, 2008)

Quando governador do Maranhão, Caxias informa em seu relatório final de governo, entre tantas ações realizadas, a limpeza nas vilas da província, evidenciando assim suas preocupações sanitárias:

As vilas se entrincheiraram e a faxina limpou as matas da vegetação ociosa que as invadia e sobre elas acumulava os vapores contrários à saúde... (RELATÓRIO de Governo, 1943)

Vale lembrar que faxina designa, originalmente, um feixe utilizado nas campanhas militares para nivelamento de estradas, superação de fossos e mesmo nas trincheiras. Posteriormente passou a designar também serviços gerais e ainda limpeza acurada (EINGENHEER, 2018).



Fachina

Figura 3 – Faxina

Fonte: o autor

Essa preocupação do duque também se manifesta desde o início de seu comando em Tuiuti, quando reorganiza o Exército Brasileiro antes de levá-lo à vitória na Guerra da Tríplice Aliança.

Segundo Dionísio Cerqueira, antes da chegada do então marquês de Caxias,

As coisas eram feitas demasiado à la gaúcha. Os urubus e caranchos encarregavam-se da limpeza, devorando os restos, que ficavam da carneação, expostos ao sol e à chuva e nos incomodando com o cheiro nauseabundo, quando lhe ficávamos à sota-vento. Mais tarde, entrou tudo nos eixos e era agradável percorrer os nossos arraiais varridos e limpos. (CERQUEIRA, 1980)

A Ordem do Dia nº 7, de 28/11/1866, dedicada à Polícia de Campo, trata também da limpeza dos acampamentos, determinando:

- 1.º Cuidar escrupulosamente no asseio do acampamento, fazendo enterrar os animais mortos, e os restos das carnes que ficarem das carneações, queimando as ossadas. (...)
- 3.º Obstar que as praças se banhem em lugares paludosos ou bebão águas desses lugares. (...)
- 6.º Proibir os despejos e que se depositem fóra dos lugares marcados, imundícies e materias fecâes.
- 7.º Fazer cercar as cacimbas que forem abertas para extracção d'água, e conservá-las sempre em bom estado.

(...)

Incubir-se-ha também de dar sepultura aos cadáveres depois dos combates, colocando, sempre que fôr possível, uma cruz de madeira competentemente numerada em cada sepultura. (EXÉRCITO, 1877)

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Na Ordem do Dia nº 121, de 04/9/1867, volta-se ao tema:

Outro-sim, tendo S.Exc. observado que, à despeito das repetidas recomendações que tem sido feitas acerca do asseio do acampamento, continua elle a não estar convenientemente limpo, existindo por enterrar muitos animaes mortos: manda chamar de novo a atenção dos encarregados deste ramo de serviço, que torna-se urgentíssimo, atenta a estação calorosa em que entramos e as enfermidades que podem originar-se dessa falta de asseio. (EXÉRCITO, 1877)

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Segundo, ainda, o historiador Francisco Doratioto,

Além de disciplinar a tropa brasileira no Paraguai, também era necessário oferecer melhores condições de higiene, reduzindo a mortandade decorrente de doenças. Somente com a chegada de Caxias cuidou-se seriamente da hospitalização, de ambulâncias, do vestuário apropriado, da higiene na alimentação e no asseio do acampamento. (DORATIOTO, 2012)

As observações do Sir Richard Burton, que visitou acampamentos brasileiros na guerra do Paraguai, também vão nesta direção:

O acampamento parecia extremamente limpo devido às ordens rigorosas do

Marechal Caxias, que sabe muito bem que o cólera tem de ser evitado por drenagem e que água impregnada com esgotos e dejetos produz febre. Essa purificação está na mentalidade dos brasileiros já há algum tempo, mas os argentinos nunca a tentaram. Os homens estavam debaixo de lonas, confortavelmente instalados em barracas de cigano, que aqui são de uso generalizado; são melhores que nossas tendas cônicas, mas inferiores à tente d'abris francesa. Como cada qual só abriga um oficial ou dois soldados, elas ocupam muito terreno e são lentas para armar e desarmar. Por outro lado, neste clima perigoso servem para evitar doenças contagiosas. Os homens estavam em excelentes condições, bem vestidos, bem alimentados e também bem armados. Carne era o que não faltava e até os cachorros eram roliços, como os cavalos. (BURTON, 1997)

Diz ele ainda:

Antes de ter assumido o comando, o Exército brasileiro estava nas piores condições possíveis; hoje pode ser comparado favoravelmente, no que concerne aos recursos modernos, aos mais civilizados. (BURTON, 1997)

Ainda para mostrar a preocupação de Caxias com a higiene e o bem-estar da tropa, cabe ressaltar sua medida, como ministro da Guerra (de 14/07/1855 a 03/03/1857), antes da Guerra do Paraguai, de substituir nos quartéis a “tarimba” por camas de madeira com pés de ferro.

As palavras do cirurgião-mor de divisão, Dr. Gitahy, citadas por Santos, dão a importância da medida.

Acete o magnânimo Monarcha Brasileiro, e seu benemérito ministro o Exmo Sr. Marquez

de Caxias, o reconhecimento da humanidade, pelo benefício salutar que trouxe sua tão benéfica resolução á saúde dos soldados do Brasil. É mais um testemunho do interesse que nutre S.M.I. o senhor D. Pedro II pelo bem estar de seu Exército. Honra pois, ao Exmo Sr. Marquez de Caxias, que dest'arte teve a glória de levar a efeito em todos os ângulos do império um tão importante melhoramento á salubridade dos quartéis, onde agora já é permitido aos soldados dormirem em seus leitos o sonno plácido e restaurador que lhes é necessário para repousarem das fadigas inerentes ao oneroso serviço que lhes é destinado. (SANTOS, 1947)

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Cabe lembrar que a questão da higiene e da limpeza era também uma preocupação para o conde de Lippe (1724-1777), que reorganizou o Exército Português e cujos regulamentos exerceram grande influência também no Brasil.

Se bem que sua atenção se achasse constantemente solicitada pelos problemas de campanha, não descuidava o Conde de Lippe a instrução, a disciplina, a conservação do armamento, e o próprio asseio do soldado, como eloquentemente o comprovam as ordens do dia (...) (SALES, 1936)

Escreve o conde de Lippe:

Todos os Officiaes, e Officiaes inferiores cuidarão muito em inspirar aos seus soldados o desejo de apparecerem bem vestidos; e quando qualquer soldado não mostrar que tem gosto de andar asseado, he provável que no seu interior seja mais paizano do que militar. (INSTRUÇÃOENS, 1762)

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Porém, a despeito de todas as medidas implementadas por Caxias, ao se levantar um acampamento, o aspecto, segundo Dionísio Cerqueira, era desolador.

Quando abandonávamos os arraiais, o campo ficava coberto de destroços. Na área de alguns quilômetros quadrados, viam-se sapatos velhos, armas quebradas, pedaços de couro, painéis furadas, freios partidos, contos de lanças, latas abertas, caveiras de boi, baralhos espalhados, garrafas vazias, bonés sem pala, espartilhos em pedaços, saias rasgadas, paus de barraca fincados... As marchas eram diárias, a bagagem não diminuía e os acampamentos ficavam sempre juncados desses vestígios da nossa passagem! Os soldados explicavam o fenômeno, dizendo que tudo que lhes pertence rende muito, a começar pelo soldo, que é elástico. (CERQUEIRA, 1980)

O garbo

Ao lado das questões de higiene, era conhecida a preocupação de Caxias com o garbo militar, fundamental para a disciplina, o orgulho e o espírito de corpo da tropa.

O significado do termo é amplo.

Dicionário publicado em 1881, além de indicar como significados para garbo “a elegância na figura ou nos gestos, a galhardia, a donaire, o brio, a distinção o primor no modo de fazer alguma coisa”, aponta também o de pundonor, ainda corrente e caro ao mundo militar (DICCIONARIO, 1881).

E. Vilhena de Moraes, em seu artigo *Farda Desabotoada*, ao tratar da suposta contrariedade do Duque por ter sido retratado por Pedro Américo na famosa tela *A Batalha de Avañy* (1877), oferece interessantes subsídios para se tratar do garbo militar em Caxias.



Figura 4 – Detalhe do quadro A Batalha do Avahy

Fonte: o autor

O anedotário se referia a uma suposta afirmação do Duque: “Desejava saber onde o pintor me viu de farda desabotoada; nem no quarto”.

Cardoso de Oliveira, biógrafo de Pedro Américo, é de opinião que tal fato não ocorreu, ficando o boato na conta de desafetos do pintor (OLIVEIRA, 1943).

Vilhena procura mostrar, porém, que a simples existência da “curiosa historieta” era um indicativo do cuidado extremado com o uniforme e com a postura militar do generalíssimo. Diz ele:

Desse rigor, não somente quanto ao uniforme, mas ainda quanto a minuciosas particularidades da Ordenança, exemplo temos muito significativo em tres casos colhidos todos eles em pontos diversos, nas sempre interessantes “Reminiscencias” do general Dionysio Cerqueira. São, primeiramente, dois encontros que durante a guerra tem, por acaso, o velho general com o jovem e sympathico cadete de voluntarios do famoso “16”.

A primeira vez que me falou — narra Dionysio — foi para me dar um quinau, a segunda para dizer que eu estava desuniformizado e a ultima para chamar-me vadio. (N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Interessam-nos as duas primeiras.

A primeira vez foi em 1866 no acampamento de Tuyuty.

Instruia, cheio de mim, uma escola de pelotão do Dezeseis, quando ele se aproximou a cavallo. Metti em linha em acelerado e mandei — “abrir fileiras e apresentar armas”. Parou, fitou-nos com interesse algum tempo: nós, firmes, imóveis, como os granadeiros de Frederico.

Seguiu e já distante, mandei: — Braço

armas — carregando na primeira syllaba. Voltou novamente, fiz-lhe nova continencia. — Mande: “Braço armas”. E carregou muito na syllaba çô. Obedeci; sorriu brandamente e foi-se.

Elle tinha razão. Eu me desviára das Instrukções, para imitar o comandante Tiburcio.

A segunda vez foi no Chaco, acima de Angustura. O batalhão entrára em fôrma e eu, rôto, enlameado, chegava de um reconhecimento na matta, onde encontrámos o inimigo.

Passou pela frente do dezeseis, em linha. Quando chegou á esquerda, onde eu, tezo e perfilado, ocupava o meu lugar, parou e disse: — “Sr. ajudante, falta-lhe a capa do bonet”.

Fiquei perturbado, porque devia ser o modelo do batalhão. Instintivamente tirei o bonet: estava sem capa. O sangue subiu-me ás faces e balbuciei:

— É que a perdi no reconhecimento que acabo de fazer, algum espinho...

— Bem, disse sorrindo — e seguiu”.

Assim era, de facto, Caxias, como general, disciplinado e disciplinador. (MORAES, 1937)

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Pandiá Calógeras, ao tratar de dificuldades políticas do general Osório depois da Guerra do Paraguai, oferece também um testemunho, em tom crítico, do formalismo militar:

Um dos pretextos inventados, referia-se ao descaso de Osório pelas Ordenanças e Regulamentos ao porte do uniforme. Era tradição velha do Exército o rigor na observância de taes ‘preceitos’; delle se originou a rigidez hierática característica das célebres gravatas de couro.

Não é preciso ser muito velho para recordar uma das venerandas figuras do tempo, imbuídas de tal doutrina, o Marquez da Gávea. A essa corrente pertencia também seu amigo e parente Caxias. Osório,

ao contrário, mostrava-se muito mais latitudinário na obediência prestada a semelhante religião de formalismo.

Para ter-se uma ideia do contraste, basta ir ao salão de honra do Quartel General da Praça da República. Ali defrontam-se duas telas, documentos materiais de dois generaes, apesar dos convencionalismos picturais: Caxias, na batalha, modelo de rigor e respeito à farda; Osório, a pé, de lança na mão junto a seu cavalo de guerra, de poncho, fora de uniforme, portanto. (CALÓGERAS, 1936)

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

No sentido de mostrar que, para Caxias, o garbo e a limpeza não eram mero formalismo e sim fundamento importante para a disciplina, espírito de corpo e mesmo de eficácia, podemos buscar novamente o testemunho de Dionísio Cerqueira, no cenário da Guerra do Paraguai:

Alguns tinham as mais honrosas tradições de disciplina e valor, que lhes advieram dos seus grandes comandantes. O 3º, o 4º, o 6º, o 12º e o 13º rivalizavam no garbo, quando manobravam, na limpeza, na firmeza, na disciplina e na instrução tática. (CERQUEIRA, 1980)

O garbo, a limpeza dos uniformes e a beleza dos desfiles podem servir inclusive como forma de intimidação do inimigo. Um exemplo antigo disto se dá no cerco de Tito a Jerusalém, em 70:

Tito tentou intimidar a cidade com um desfile do seu exército — couraças, elmos, lâminas relampejantes, bandeiras ao vento, águias cintilando, “cavalos ricamente ajaezados”. Milhares de hierosolimitas reuniram-se nas ameias para se estarrece-

rem com o espetáculo, admirando a “beleza de suas armaduras e a notável disciplina dos soldados. Os judeus continuaram a desafiar, talvez com medo demais de seus próprios chefes militares para desobedecerem às ordens de não capitular”. (MONTEFIORE, 2013)

Mas não só para intimidar pode-se usar o garbo militar. Também para reforçar os sentimentos de segurança, admiração e orgulho na população.

Em artigo publicado na *Revue d'Infanterie*, em fevereiro de 1931, resumido e traduzido na *Revista Militar Brasileira*, lê-se:

Por ocasião de suas empolgantes paradas ou espetáculos militares, de seus brilhantes e atraentes concursos sportivos e de suas manobras — inquestionáveis fontes de atracção voluntária, a nação inteira se exulta ao contemplar o brilho dos vistosos uniformes de seus soldados: disciplinados, apumados e garbosos, e nos quaes ella, confiante, reconhece todas as qualidades physicas e virtudes moraes que constituem o apanagio de sua raça. (A INFANTARIA BRITANNICA, 1931)

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Em sua bem-humorada crônica *Fardas*, publicada em 1912, João do Rio escreve:

O homem gosta da farda porque o distingue e porque o apoia na luta pela vida. Cada profissão quer uma farda e tem acabado por possuí-la. Depois do uniforme dos povos que os destacam um dos outros e os unem pelo fato, encontra-se na história o esforço às vezes inconsciente para a especialização pelo uniforme. (JOÃO DO RIO, 2015)

Gravatas de couro

As gravatas (ou colarinhos) de couro (ou de sola), citadas no texto de Calógeras como excesso de formalismo, a despeito de nem mesmo aparecerem na descrição e comentários sobre os uniformes históricos do Exército Brasileiro, merecem aqui atenção por conectarem, ao que parece, aspectos do garbo e do asseio do soldado.

São poucas as informações disponíveis, mas sabemos que foram de uso obrigatório no séc. XIX. Ao que parece, serviam para aprumar o pescoço dos soldados e também, segundo testemunho do Dr. José Muniz Cordeiro Gitahy, para ajudar na limpeza do colarinho da farda, prolongando seu uso e aumentando sua durabilidade.

Também julgamos que devem ser abolidas as gravatas de sola, por isso que sendo ella um corpo por de mais resistente, que não se presta com facilidade a amolgar-se aos movimentos da cabeça, exercerá constantemente uma certa pressão sobre toda a circunferência da região cervical, onde existem órgãos da maior importância, como são as artérias carótidas, e as veias jugulares, vasos mui calibrosos, e que não devem soffrer a menor pressão; a qual produziria os mais graves inconvenientes, visto como dirigindo-se o sangue oxygenado para a cabeça pelas veias jugulares, depois de effectuada a nutrição, encontrando neste seu trajecto o mais pequeno obstáculo, póde demorar-se na cabeça e ahí produzir congestões mais ou menos graves; e vé-se claramente que a gravata

de sola, comprimindo o pescoço, dá origem por sua resistência a um obstáculo que impede mais ou menos o livre movimento circulatório desses vasos tão importantes. Reconhecemos que o asseio que deve distinguir sempre o soldado motivou o uso dessas gravatas que se conservão por mais tempo limpas; porém a vista dos inconvenientes que apresentam, podem ser substituídas por gravatas de clina, que não só se conservão limpas por muito tempo, como também por sua flexibilidade não são prejudiciais como as de sola.

Em Fevereiro do anno de 1856, foi publicado em Portugal o plano tão desejado para o novo uniforme do exercito; e nessa reforma forão atendidos os inconvenientes que se notava nas gravatas de sola, as quaes de então em diante consistirão em uma fita com rebordos brancos para evitar a mudança de camisa todos os dias. (GITAHY, 1856)

(N. da R.: A grafia original foi preservada pelo autor.)

Conclusões

Assim sendo, ao se procurar hoje adequar as OM aos preceitos da Política Nacional de Resíduos Sólidos, inclusive no que concerne à coleta seletiva e à logística reversa, é importante pesquisar e ter em mente as tradicionais e eficientes práticas de limpeza, asseio individual e garbo, que antecedem as atuais preocupações ambientais de sustentabilidade. A linguagem e as práticas educativas a serem usadas nas OM devem privilegiar esta rica tradição, que tem no duque de Caxias um exemplo basilar. 

Referências

A DEFESA NACIONAL, Rio de Janeiro, n. 608, jul/ago. 1966. Editorial, p. 4.

A DEFESA NACIONAL, Rio de Janeiro, n. 835, 1º quadrimestre. 2018. P 71.

A INFANTARIA BRITANNICA (resumo), in Revista Militar Brasileira, Anno XXI, nº 2, abril a junho de 1931, vol. XXX, Imprensa Militar, Estado Maior do Exército, 1931, p. 107.

BROCKHAUS-HANDBUCH des Wissens (in vier Bänden). Leipzig: F. A. Brockhaus, 1923. V. 2, p. 18.

BURTON, R. F. **Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1997, p. 289-90.

CALÓGERAS, P. **Estudos históricos e políticos (Res Nostra...)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936, p. 200.

CERQUEIRA, D. **Reminiscências da Campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980, p. 63, 95, 176.

COURMONT, J.; LESIEUR, P^r CH. e D^r ROCHAIX, A. **Précis d' Hygiène**. Paris: Masson et C^{ie}, Éditeurs, 1925.

DICIONNARIO CONTEMPORANEO da Lingua Portugueza, 2 vol., Lisboa: Imprensa Nacional, 1881, vol. 1, p. 848.

DORATIOTO, F. **Maldita Guerra. Nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 278.

EXÉRCITO em operações na Republica do Paraguay. Ordens do Dia, primeiro volume (Compreendendo as de n. 01 a 96), 1866 e 1867. Re-imprensa em 1877 por ordem do Governo. Rio de Janeiro: Typ. de Francisco Alves de Souza, 1877, p.33.

EXÉRCITO em operações na Republica do Paraguay. Ordens do Dia, segundo volume (Compreendendo as de n. 97 a 171), 1867. Re-imprensa por ordem do Governo. Rio de Janeiro: Typ. de Francisco Alves de Souza, 1877, p.131-2.

GITAHY, J. M. C. **Da higiene militar do Brasil**. Rio de Janeiro: Typografia Universal de Laemmert, 1856, p. 92, 106-7.

JOÃO do Rio. **Os dias passam...** 2. ed. Rio de Janeiro: FBN, 2015, p. 388.

HICKMANN JR., H. L.; EDREDGE, R. W. **A brief history of solid waste management in the US during the last 50 years**. Part 1. MSW Management, April 15, 2016.

INSTRUÇÃOENS geraes relativas a varias partes essenciais do service diario para o exercito de S. Magestade Fidelissima debaixo do mando do illustrissimo, e excellentissimo Senhor Conde Reinante de Schaumbourg Lippe, Marechal General dos exércitos do mes. Lisboa: Na Officina de Miguel Rodrigues, 1762, 49 p.

MONTEFIORE, S. S. **Jerusalém: a biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 32.

MORAES, E. V. de. **Novos aspectos da figura de Caxias**. Rio de Janeiro: Leuzinger S.A., 1937, p. 198-200.

OLIVEIRA, J. M. C. de. **Pedro Américo: sua vida e suas obras**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943, p. 106.

PEIXOTO, A. e COUTO, G. **Noções de Higiene**. Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1914, p. 510.

RELATÓRIO de Governo. In: SERRA, Astolfo. **Caxias e o seu governo civil na Província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1943, p. 148.

SALES, E. A. P. **O Conde de Lippe em Portugal**. Vila Nova de Famalicão: Comissão de História Militar, 1936, p. 54.

SANTOS FILHO, L. **História da Medicina no Brasil**, 1º tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1947, p. 361.

SILVA, A.M. **Diccionario da Lingua Portugueza**. Tomo II. 7. ed. Lisboa: Typographia de Joaquim Germano de Sousa Neves, 1878, p.7.

SOUZA, A. B. de. **Duque de Caxias: o homem por trás do monumento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 280.

WAR Department. **Army Life**. United States Government Printing Office. Washington: 1944.

N. da R.: A adequação do texto e das referências às prescrições da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) é de exclusiva responsabilidade dos articulistas.

¹ Texto original: “La France a pu gagner la guerre grâce aux merveilleux progrès de son hygiène appliquée au salut de l’armée et des populations civiles. Les maladies contagieuses ont été presque toutes vaincues pendant la guerre. En **1870**, le nombre de nos morts par maladies dépassait de beaucoup celui des morts par blessures; ce fut exactement le contraire en **1914-1918**” (COURMONT; LESIEUR e ROCHAIX, 1925).